

Volume
XVI

1º SEMESTRE DE 2019

ISSN 2237-3586

Uso, norma(s) e variação linguística no ensino de gramática de língua portuguesa

NEVES, M. H. M. Uso, Normas(s) e variação linguística. In: _____. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 131-145.

Camila Bordonal CLEMPI⁵⁸

A escrita manifesta um poder que se diferencia do poder da fala, já que traz à luz a permanência da linguagem através de um outro domínio e de um outro meio de suscitar a magia da palavra, o que não implica afirmar que existe uma dicotomização e/ou superioridade entre as modalidades. É em torno dessa discussão que se inicia a obra *A gramática do português revelada em textos*, de Neves (2018), cujo objetivo reside na reflexão sobre a linguagem em contexto de usos reais, com base nas variadas produções textuais-discursivas e fundamentada numa concepção de gramática como aquela que “organiza a interação, que organiza a informação e que organiza semanticamente os textos” (NEVES, 2018, p. 18).

No geral, a proposta de Neves (2018) é distanciar a abordagem gramatical da língua portuguesa de algo estanque, de rótulos e esquemas, e aproximá-la ao que efetivamente é – uma ciência –, tratando, portanto, dos procedimentos de constituição da linguagem a partir de diferentes situações nas quais os usuários da língua se inserem, investigando as formas linguísticas não somente levando em consideração unidades e construções, como também produções de sentidos, efeitos e valores alcançados no texto. Por esse motivo, sugere-se que a leitura da obra, integral ou não, além de servir aos estudiosos da linguagem, possa ser levada em sala de aula pelos professores de educação básica, na medida em que “a visão da gramática como um território isolado do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à sua legitimação como disciplina com bom lugar no ensino de língua portuguesa [...]” (NEVES, 2018, p. 19).

Organizada em três partes⁵⁹, a obra conta com um total de mil e trezentas e noventa e quatro páginas dedicadas a estudos de casos, com vasta descrição e

⁵⁸Mestra no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCLAr), Araraquara - São Paulo - Brasil - 14800-901. E-mail: camilabordonal@yahoo.com.br. (Bolsista FAPESP, nº do processo 2017/16959-6).

⁵⁹ *A gramática do português revelada em textos* contempla, além de introdução e apresentação (p. 13-29): indicações gerais e conceituais da gramática (Parte I, p. 33-145); diversas (sub)classes de palavras e

exploração dos mecanismos e processos gramaticais encontrados em ocorrências de dados empíricos do português, extraídos de textos falados e escritos que compõem, em grande parte, *corpus* e/ou obras (musicais ou literárias). São analisadas tanto as formas encontradas nas gramáticas normativas quanto aquelas julgadas como desvios, mas presentes nos usos linguísticos.

Aqui, opta-se por apresentar as principais considerações sobre o capítulo intitulado “Uso, norma(s) e variação linguística”, inserido na primeira parte do livro que, grosso modo, dedica-se a tratar de aspectos mais gerais e conceituais da gramática. A discussão em torno do olhar de Neves (2018) se faz necessária para uma revisão da maneira como as noções, que dão nome ao capítulo, são abordadas, tendo em vista o modelo de gramática defendido, de modo que os condicionamentos que provocam o desenvolvimento da variação e da mudança linguística possam ser reconhecidos, posto que comprovam a fluidez da linguagem no meio social.

Apoiada em trechos do romance “Nosso mote” (José Mauro Vasconcelos), como também em citações da letra da canção “Samba do Arnesto” (Adoniran Barbosa) e em menções aos personagens caricatos de história em quadrinhos (Chico Bento e Zé Lelé, de Maurício de Souza), a autora introduz o tema ao trazer a representação da fala de uma comunidade específica, que se difere do uso do padrão comum: a denominada **fala caipira**, um exemplo, pois, de variação diastrática. Tal como explica Neves (2018, p. 134), o termo técnico, ao contrário de condenar um modo de falar, tem o propósito de identificar a fala de um grupo de sujeitos que se encontram na zona rural ou periférica e, ainda, identificar determinados usos que podem ser encontrados nessa mesma comunidade linguística.

Por esse caminho é que, em continuidade, a autora aborda a “Variação linguística”, título do primeiro subcapítulo, e enfoca a linguagem como um fenômeno variável e como um instrumento social e heterogêneo. Neves (2018) traz ao leitor alguns tipos de processo de variação e aborda, resumidamente: (i) a variação diastrática (conforme a estratificação social); (ii) a variação diatópica (conforme o espaço/região); e (iii) a variação diacrônica (conforme a passagem do tempo). Assim como todo o restante da obra, as explicações para cada tipo são fundamentadas em exemplos diversos, em sua maioria, nessa subcapítulo especificamente, trechos de letras de

modo como funcionam (Parte II, p. 149-1191); e uma seção dedicada à consulta (Parte III, p. 1197-1323). Também possui glossário, referências bibliográficas, obras examinadas e índice remissivo.

canções, como no caso de “Vozes secas”, de Luiz Gonzaga, para tratar de variantes regionais nordestinas.

Chama atenção a observação de Neves (2018) em relação à variação diacrônica ao argumentar que a modalidade escrita tem um caráter mais estável do que a fala, embora também apresente mudanças no tempo. A autora, além disso, dá especial atenção ao condicionamento de inserção social e de acesso aos diferentes graus de escolarização (variação diastrática) que recaem, por consequência, nos diferentes modos de falar do sujeito e, assim, sugere:

Como ocorre em todos os campos de vida em sociedade, criam-se expectativas de modos de falar que são considerados “elevados”, “cultos”. Tidos como modelares, eles vêm regrados em obras e em ações declaradamente prescritivistas, contrapondo-se, muitas vezes, a usos bastante difundidos, na linguagem informal de todas as classes. Esse é o caminho que leva, muito frequentemente, a ações de evidente preconceito linguístico, sempre a ser evitadas, porque representam total desconhecimento da natureza da linguagem natural e de seu modo de funcionamento”. (NEVES, 2018, p. 136)

Verifica-se, desse modo, em “Uso e norma(s)” (subcapítulo 2), o fato de que há um padrão esperado no que se refere aos usos da linguagem em sociedade, de acordo com os variados contextos comunicativos, podendo existir, de acordo com a autora, dois sentidos para o que se conceitua como “norma”: (i) considerada como aquilo que é normal e representativo da língua no momento, que segue um padrão de permeação de usos na comunidade linguística; e (ii) considerada como aquilo que é normativo e que segue um padrão imposto/regrado, é o que se entende, por exemplo, por norma culta e norma padrão, sendo um meio facilitador para a expressão do preconceito linguístico, já que diz respeito a ideia de que há um modo melhor ou pior de fala de um determinado grupo social.

A visão delineada por Neves (2018) aponta para o estabelecimento de uma norma linguística a partir dos usos. Na mesma esteira, considera importante que tais questões sejam pormenorizadas em sala de aula, uma vez que o ensino deve “propiciar uma reflexão sobre a língua materna que capacite os usuários a perceber os níveis de adequação, de pertinência e de eficiência dos usos, segundo as destinações que cada situação de uso propõe” (NEVES, 2018, p. 27). Em outras palavras, se o sujeito tem domínio tanto de usos considerados “normais” quanto de usos prescritos, é possível a utilização da norma conforme o momento e a exigência da situação em contexto real de

comunicação. É papel da escola, portanto, atuar no sentido de fazer com que o aluno conheça as normas prescritas para que possa utilizá-las quando preciso for, uma vez que não se pode descartar a variedade de usos linguísticos existentes.

Nesse capítulo, a autora também se dedica a tratar sobre a “Linguagem em grupo” (subcapítulo 3), que engloba o que se denomina como “Gíria” (3.1) e como “Jargão” (3.2). Para ela, gírias são modos de expressão restritos a um grupo de indivíduos, podendo ter aceitação popular, embora tendam a entrar em desuso; enquanto jargões são mais precisos e mais técnicos, ligados a um grupo de especialidades, ainda que possa adentrar também em domínios de outros grupos. São tomados como exemplificações trechos da canção “Não tem tradução” (Noel Rosa) para a descrição de gírias, além da canção “Pela internet” (Gilberto Gil) e a crônica “O jargão” (Luis Fernando Veríssimo) para a descrição de jargões.

Neves (2018), por fim, em “Renovação e conservação lexical” (subcapítulo 4) evidencia o fato de que a criação/formação de novas palavras na língua é fundamental e tem motivações e procedimentos diversificados a partir de situações diversas; também revela que os arcaísmos podem se referir tanto ao processo de variação diacrônica, quanto ao de variação diastrática. Em relação aos estrangeirismos/empréstimos, a autora argumenta, com base em exemplos de trechos de canções, como é o caso de “*Good-bye*” (Carmem Miranda), que há um repúdio e certa resistência na incorporação de palavras importadas, particularmente de língua inglesa, já que existem palavras de língua materna de significados semelhantes, revelando uma “evidência da grande inserção que tem a língua pátria na consciência política dos indivíduos” (NEVES, 2018, p. 145).

Com o foco no exercício da linguagem por meio diversos gêneros, tipos (ou sequências) textuais, Neves (2018) traz ao público-leitor um projeto minucioso de descrição do português a partir da exploração de usos reais, valendo-se de uma escrita clara e didática. A autora, consagrada por seu trabalho e contribuições no âmbito da Linguística, empreende uma reflexão sobre a gramática, entendida como funcionamento da linguagem, por meio de uma exploração de dados empíricos. “Uso, norma(s) e variação linguística”, capítulo por ora resenhado, é uma sinalização da relevância de se trazer à luz, no ensino de língua portuguesa, os procedimentos e os processos gramaticais constitutivos dos usos em conformidade com a variabilidade do sistema linguístico.